

“O CIDADÃO DO MUNDO”: UMA RESENHA SOBRE O DOCUMENTÁRIO QUE ILUSTRA A VIDA DE JOSUÉ DE CASTRO

*Sebastião Pinheiro Gonçalves Cerqueira Neto*¹
Instituto Federal da Bahia-Campus Porto Seguro, Porto Seguro/BA, Brasil

*Leonardo Thompson da Silva*²
Instituto Federal da Bahia-Campus Porto Seguro, Porto Seguro/BA, Brasil

*José André Ribeiro*³
Instituto Federal da Bahia-Campus Porto Seguro, Porto Seguro/BA, Brasil

1. INTRODUÇÃO

Ao fazer um resgate das ideias que Josué de Castro (1908 – 1973) disseminou em busca de um mundo melhor pode-se chegar a conclusão de que houve poucas mudanças, sobretudo, no comportamento daqueles que comandam a economia mundial. A geopolítica, que é baseada nas relações entre os países, que era praticada na época de Josué de Castro mudou. O mundo deixou de ser bipolar, houve a dissolução da antiga União Soviética, o nascimento de diversas nações, o aparecimento de outros protagonistas na chamada Nova Ordem Mundial etc. Porém, o que não mudou foi a falta de sensibilidade, o desprezo pela solidariedade mundial.

A fome e a miséria continuam assolando grande parte da sociedade planetária; as grandes empresas passaram a ter um papel mais importante que os Estados; os blocos econômicos são apenas para cuidar e proteger a economia, o povo se tornou algo secundário;

¹ Pós-Doutorado em Antropologia (UFBA, 2014). Pós-doutorado (Bolsa-Capes) no Centro de Estudos Sociais na Universidade de Coimbra em Portugal (2015). Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE). E-mail: cerqueiraneto.mg@gmail.com

² Doutor em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA/2013-2018). Bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPEs) na Universidade de Coimbra, Portugal (2015-2016). Bolsa Doutorado FAPESB (2013-2017). E-mail: leonardothompson@gmail.com

³ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. Promove pesquisa nas áreas de Filosofia Antiga, Filosofia Intercultural, Ética e Filosofia Política. E-mail: joseandre14@hotmail.com

os recursos naturais e as comunidades tradicionais sendo suprimidos por grandes projetos econômicos.

O Brasil, que no século XXI continua sendo uma triste caricatura dos Estados Unidos, onde a elite econômica e parte da academia se comportam como européias, perdeu a oportunidade de compreender e ouvir os intelectuais brasileiros, entre eles Josué de Castro para encontrar o seu caminho para sair do subdesenvolvimento, sobretudo, o subdesenvolvimento humano que nada tem a ver com o desenvolvimento econômico. Isto que dizer que, mesmo o Brasil freqüentando a lista dos 20 países mais ricos do mundo o seu subdesenvolvimento humano é muito mais representativo.

Esse texto pretende elaborar uma reflexão com o viés humanista que caracteriza Josué de Castro enquanto pesquisador e enquanto um homem preocupado com seu país, principalmente, com os pobres. Josué de Castro nos deixa uma lição, a de que ser um humanista não deve ser atrelado a uma ideologia partidária, esquerda ou direita, é apenas praticar um comportamento solidário que deve estar presente desde a escala local até a global.

Mesmo com todas as limitações de movimento pelo território nacional impostas pelo regime militar, provocando a sua saída do Brasil, Josué de Castro foi um forte nos seus ideais. Se isso pode ter lhe custado a vida, morrendo acometido pela depressão por não poder voltar ao Brasil, Josué de Castro deixou um legado, sobretudo, de como políticos, poderosos deveriam olhar para os pobres dos seus países. Josué só pôde voltar ao Brasil num caixão e mesmo assim o regime militar fez de tudo para que ele não fosse enterrado no Brasil.

A produção dessa reflexão se apóia exclusivamente no documentário *Josué de Castro: citizen of the world* (1994) e objetiva fundamentalmente propor uma análise sobre o sufocamento do pensamento crítico empregado por uma política ditatorial e pela elite econômica sob o discurso de evitar a implantação do comunismo no Brasil. Entretanto, foi uma justificativa vazia, sem nexos, e que provocou o êxodo forçado de grande parte dos nossos intelectuais. Infelizmente, por essas ações, o Brasil se tornou um país avesso a palavras críticas com seqüelas vistas nos dias atuais para a ciência brasileira como, atraso científico, cortes nas verbas para educação e a negação da ciência. Se por um lado, o Brasil de 1964 contribuiu para a morte física de Josué de Castro, por outro lado, o seu pensamento continua irrigando, semeando e florescendo em busca de um país com menos miseráveis.

O documentário mostra o começo da vida acadêmica de Josué de Castro que vai da medicina até a geografia. Sua preocupação com os pobres que viviam nos manguezais do Recife; manguezais que para Josué de Castro lhe ensinou muitas coisas que a universidade não havia lhe apresentado. Josué de Castro conviveu com pessoas com várias formações diferentes, o que contribuiu decisivamente para sua postura diplomática e política dentro e fora do país.

Silvio Tendler nesse documentário, para além de apresentar Josué de Castro, sobretudo, para os brasileiros (por mais paradoxo que possa parecer), promove um olhar crítico sobre a importância de conhecermos nossos intelectuais e passarmos a pensar o Brasil e o mundo com um olhar de quem vive no terceiro mundo; e isto significa um dos caminhos para nos descolonizar.

2. UM POUCO DE JOSUÉ DE CASTRO

As diversas formações acadêmicas de Josué de Castro foram secundárias diante da sua postura frente aos problemas sociais; ele foi, sobretudo, um humanista, um perseguidor para as resoluções das questões da fome e da paz. Em 1935 produziu um estudo sobre as condições de vida dos trabalhadores no Recife, gerando um documento importante para criar o salário mínimo no Brasil. O interessante é que nos dias atuais o salário mínimo se tornou muito mais uma bandeira política, motivo para embates políticos, do que propriamente uma discussão voltada para o bem-estar dos trabalhadores.

É possível que intelectuais como Josué de Castro devam ser enterrados pelos políticos brasileiros, pois seriam incapazes intelectual e moralmente de contestar duas ideias. Olhariam no espelho e viriam a suas mediocridades enquanto políticos frente a Josué de Castro. Nesse sentido, tanto o regime militar quanto os políticos que se julgam defensores dos pobres têm o mesmo comportamento, a inveja por não conseguirem ser um Josué de Castro.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945, há uma grande confluência global no sentido de encontrar um caminho para a paz. Josué de Castro está sempre presente nas reuniões para a discussão de um mundo melhor. Se fizermos um exercício mental, qual seria nosso representante político numa mesa mundial em que pudesse colaborar com ações

que combatessem a fome, a guerra no mundo? Teríamos que pensar numa pessoa culta que fosse uma referência intelectual respeitada no mundo e que fosse, acima de tudo, respeitado em escala global; isso tudo, sem se preocupar em ser uma celebridade mundial. Nos dias atuais, encontrar no Brasil um político com essas características é praticamente impossível. Para quem não sabe Josué de Castro foi deputado federal por um partido de esquerda. Ao olharmos para a composição do nosso atual Congresso Nacional dificilmente vamos encontrar políticos com a formação de Josué de Castro. Seria angustiante para a grande parte da nossa classe política conviver com uma espécie de político da qual Josué de Castro pertencia.

Para além da sua formação acadêmica, Josué de Castro conviveu com pessoas de diferentes formações, com diversos setores da sociedade, isso explica sua grande capacidade em dialogar com os contrários, possui uma diplomacia invejável. No documentário várias lideranças de movimentos sociais do campo, da igreja católica e da academia fizeram questão de prestar depoimentos sobre as contribuições de Josué de Castro na luta contra a miséria e na busca de um país mais crítico sobre o seu papel diante do mundo.

Apenas para citar alguns brasileiros, Jorge Amado, dizia que Josué era um grande brasileiro devotado a sua pátria, ao seu povo e aos pobres. Nos dias atuais ser patriota parece que adquiriu outra conotação, sobretudo, pejorativa.

Darcy Ribeiro: dizia que Josué era o homem mais inteligente que conheceu. Percebam a humildade de Darcy Ribeiro! Para Darcy Ribeiro poucas pessoas no país têm a ideia da importância de Josué. Por isso, este texto tenta contribuir para que o que contribui para este texto seja mais uma via para que as pessoas, neste século XXI, conheça um pouco de um intelectual que sonhou e lutou por um Brasil melhor.

Francisco Julião, fundador da liga camponesa no Brasil: dizia que Josué resolveu a se dedicar a ciência para descobrir como resolver o problema da fome. Dom Helder Câmara ficou fascinado pela luta e o conhecimento que Josué de Castro tinha sobre a questão da fome no Brasil e no mundo. Herbert José de Souza (Betinho) falava que foi Josué de Castro que deu o status científico e político da fome. Esse pequeno rol mostra o quanto essas convivências foram importantes para Josué de Castro, e o quanto na sua época os diálogos eram mais frutíferos.

A competição voraz que é ensinada desde os ciclos iniciais de educação até o nível superior nos afastou a possibilidade de convivermos com a diversidade, não uma especificidade de diversidade, mas, a diversidade em sua totalidade que é a característica do nosso planeta. Contrariamente nos dias atuais, somos “educados” para conviver com aqueles que fazem parte da nossa classe de curso, da nossa classe socioeconômica. A construção de relações feita dentro de grupos não nos limita apenas na dificuldade numérica de pessoas, mas nos torna limitados para conhecer a poesia, as religiosidades, outras literaturas, a dinâmica da sociedade pelo território, e de ampliar nossas relações através do convívio com os mais diferentes pensamentos.

3. NADA MUDOU! PESSIMISMO OU A PROCURA DE UM CAMINHO?

As primeiras imagens que abrem o documentário “Cidadão do Mundo” mostram as pessoas vivendo nos e dos lixões, na época (1995), a quantidade de pobres equivalia aproximadamente ao atual número da população atual na Índia. Nesse período 40 milhões de morriam de fome no mundo. Pessoas vivendo embaixo das marquises e viadutos também mostram como a população pobre do Brasil vivia. Ao fazermos uma pequena rota pelas grandes cidades brasileiras vamos ver a mesma paisagem de pobreza e miséria que o documentário registrou. O mais agravante nos dias atuais é que esse cenário deixou de ser uma exclusividade das grandes cidades e agora faz parte da paisagem de cidades médias. Isso nos mostra que o abismo que separa os pobres dos ricos continuou sendo alargado.

Josué de Castro foi quem denunciou, através de seus estudos, da sua atuação como médico, enquanto geógrafo, essa situação de miséria do país. Contudo, Josué de Castro não ficou apenas na denúncia, como muitos fazem hoje um ativismo puramente partidário, mas, propôs soluções para o problema da fome no Brasil. Dizia Josué de Castro: “todo extraordinário progresso do mundo pode estar comprometido por causa do problema da fome mundial. A tomada de consciência deste problema pode conduzir os povos famintos à revolta. Em 20 anos, ou teremos a catástrofe provocada pela fome mundial ou teremos a abundância para todos. Pois, dispomos de recursos naturais, técnicos e financeiros suficientes para resolver esse problema”. A clarividência de Josué de Castro nos mostrou, infelizmente, que os

governantes, sobretudo, dos países ricos optaram pela continuidade do flagelo da fome. No Brasil que sempre se constituiu, sobretudo, politicamente, numa caricatura imperfeita dos Estados Unidos, o caminho seguido foi o mesmo; a miséria do povo apenas como um penduricalho nos discursos políticos de todos os matizes.

O cenário de fome que Josué de Castro estudou a partir dos manguezais de Recife também estava presente no semiárido e na região açucareira do nordeste. A fome e a miséria eram as mesmas, porém, com origens diferentes, mas, com semelhanças de perversidade na sua implantação. A fome, como Josué de Castro percebeu, não tem nada a ver com as características geográficas do lugar, mas, com o comportamento político e econômica de quem dirige os destinos, sobretudo, das cidades.

Os pobres, a fome, a miséria já estão em todas as cidades brasileiras, independentemente, da sua dimensão populacional. Neste século XXI o flagelo da fome está debaixo das marquises, nas praças, nas portas dos restaurantes, das escolas; enfim, não frente de todos nós. Certamente que se os nossos políticos tivessem a humildade, na época, de ouvir e colocar em prática as ideias de Josué de Castro possivelmente o número de pessoas vivendo na miséria seria em quantidade bem menor do que temos hoje. O que não mudou foi o comportamento dos nossos políticos, pois, ainda que se renovem as câmaras municipais, as assembleias legislativas estaduais, o Congresso Federal, não se vê projetos para acabar com a miséria do país. Vemos uma preocupação em salvar a economia, o que necessariamente não significa interesse em desmanchar as linhas de pobreza existentes em cada território.

4. A FUGA DE UM CÉREBRO PRIVILEGIADO

O êxodo de pesquisadores, intelectuais brasileiros para outros países não é uma migração desse século, tão pouco da política do Presidente Jair Bolsonaro; este apenas aprofunda um poço existente na cultura política do país, que é não valorizar a educação e, por conseguinte, a ciência. O golpe militar que forçou Josué de Castro, e tantos outros intelectuais, ir para o exílio na França data de 1964 ajuda a explicar um pouco do contexto histórico da chamada fuga de cérebros do Brasil.

Mas, como o homem franzino, educado, médico, foi tão temido pelo regime militar sem sequer ter pegado numa arma? Através do documentário que é a fonte inspiradora dessa resenha vamos listar alguns indícios.

Josué de Castro ouvia e convivia com os pobres, sendo os manguezais do Recife seu primeiro laboratório para compreender a miséria de sua cidade através da vida dos homens e mulheres que viviam como caranguejos, enterrados na lama em busca de alimentos. Resultados de pesquisas que denunciam a fome e a miséria são ignoradas ou mesmo sufocadas por governos autoritários, e mesmo em alguns governos ditos democráticos. Dessa forma, os estudos de Josué de Castro incomodavam o governo da época.

No semiárido e no nordeste açucareiro Josué de Castro percebeu que não eram as características geográficas do mangue no Recife que produzia a fome. Ao estudar as áreas de grandes plantações de cana-de-açúcar no nordeste ele compreendeu que tanto a cana como o homem eram esmagados; e certamente que ao denunciar a condição degradante desses trabalhadores, moradores, nessas regiões caracterizadas historicamente pelo coronelismo, Josué de Castro se tornaria uma pessoa não grata na vida do país.

Como no regime militar, claro que apoiado por muitos civis da elite econômica, o Brasil teria que ser visto num modo ufanista, mormente, exaltando as belezas naturais, não seria permitido aflorar pensamentos críticos que pudessem “estragar” a imagem do país. Por isso, a fome era um tema proibido. Logo, o livro *A geografia da fome* deveria ser banido das bibliotecas, das universidades, assim como o seu autor deveria desaparecer do território brasileiro. Contudo, Josué de Castro conseguiu, sem os recursos midiáticos de hoje, mostrar que uma grande quantidade de brasileiros passava fome, e isso despertou a ira dos governantes e das elites da época, pois, Josué de Castro mostrava que o fenômeno da fome estava intrinsecamente ligado aos latifúndios e falta de uma política de distribuição de renda.

A vida pública de Josué de Castro e a sua defesa intransigente dos pobres sempre incomodaram os poderosos. Em 1939, no Governo Vargas dirige o Serviço de Alimentação da Previdência Social; em 1952 se torna presidente da FAO, órgão das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura; em 1954 é eleito deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) pelo estado de Pernambuco; em 1958 é reeleito o deputado mais votado do nordeste, contando com o apoio dos socialistas, comunistas e cristãos. Todavia, Josué de

Castro deixava claro que não seria nem o capitalismo tampouco o socialismo que acabaria com a fome no Brasil e no mundo. Ele morreu sem nos apontar outro caminho.

Nos Governos de Jango e Juscelino Kubitschek quase se tornou ministro da Agricultura, porém, seus próprios companheiros de partidos fizeram o de Judas “queimando” Josué de Castro. No documentário, Darcy Ribeiro mostra como a mediocridade dos colegas de partido não deixou que Josué de Castro assumisse o ministério com o qual era o mais capaz brasileiro para tal atividade na época. Na verdade, foi o sentimento de inveja que guiou a atitude dos líderes do PTB. E certamente que entre os invejosos estavam representantes das oligarquias que temiam e sabiam que Josué de Castro proporia o aumento de cultivo de produtos fundamentais para a segurança alimentar da sociedade mais carente, bem como um projeto audacioso de reforma agrária com a preocupação da preservação dos recursos naturais. São questões que não faziam parte da política nacional bem como um desejo da elite econômica.

Os adversários políticos batizaram Josué de Castro como o “Josué da Fome”. Algo semelhante que fizeram com o Professor Cristovam Buarque nas eleições presidenciais em 2006, quando grande parte da imprensa o denominou jocosamente de o “candidato da educação”. Como se matar a fome das pessoas ou querer tornar um país com mais educação fosse algum tipo de defeito moral ou determinar que a pessoa seja limitada em seus pensamentos sobre a política nacional.

Se hoje, com toda nossa liberdade de expressão, ministrando aulas de forma crítica sobre a dinâmica do país, as vezes somos vencidos pelas ações de governos que limitam os gastos com a educação, que fazem cortes na saúde, e porque não dizer de comportamentos autoritários dentro das universidades e institutos, imaginemos o quanto Josué de Castro resistiu! Evidentemente que os fatores elencados nesse tópico foram preponderantes para que Josué de Castro deixasse o Brasil, ou fugisse do país para viver um pouco mais.

5. CONTRA A BIPOLARIDADE, A FAVOR DA PLURALIDADE

Josué de Castro foi um militante, ou nos dias atuais, ativista. Porém, um ativista produtivo, pois, não se limitava ao denunciamento, mas, apontava caminhos possíveis para uma solução dos problemas, principalmente, na questão da fome e da desigualdade econômica.

Mas, optamos por não rotulá-lo como se ele pertencesse a alguma ideologia política e fosse contrário a outra, pois Josué de Castro não escreveu ou discursou para agradar a um partido político ou para alguma ideologia radical; tanto é verdade que ele desagradou pessoas de vários partidos políticos, inclusive, o dele. Ele pensou no bem-estar social e isso não está atrelado a nenhuma coloração política, depende do caráter, da moral de quem se guia pela ética e pela solidariedade.

Josué de Castro nos seus discursos internacionais sempre caminhou em contra a bipolaridade, não aceitava um mundo dividido em dois lados, capitalismo versus comunismo. Aliás, nos dias atuais somos massacrados mentalmente, quase nos é obrigado, a escolher um dos dois lados, como se houvesse apenas dois caminhos. Nesse sentido, os dois lados estão equivocados, pois se tornam limitantes a partir do momento que só enxergam um único caminho para um mundo melhor, o seu. Se quisermos oferecer outras propostas temos que resistir bravamente a esse assédio do mesmo modo como se comportou Josué de Castro. Talvez, por isso Josué de Castro, em 1955, tenha recebido da Assembléia Mundial da Paz o prêmio Internacional da Paz de Ciências. Ao receber o prêmio Josué de Castro disse que os ingredientes da paz são o pão e o amor. Infelizmente, no Brasil e como na maioria dos outros países, esses ingredientes não fazem parte do cardápio das políticas públicas.

Sua desilusão também foi imensa no exterior. Josué de Castro se via impotente ao não conseguir convencer as grandes potências se envolverem num grande projeto para acabar com a fome no mundo. Daí ele, num discurso inflamado, chamou esses países de hipócritas, pois, faziam discursos caridosos mais não desejavam realmente enfrentar a questão. E se há uma questão é porque o problema não foi resolvido. Em pleno século XXI buscamos a solução dessa questão em escalas local, regional, nacional e global.

6. CONCLUSÃO

Se fisicamente Josué de Castro teve sua mobilidade dificultada por seus detratores disseminados nos governos, nos partidos políticos e na elite econômica, suas ideias e ideais continuam circulando pelo planeta transgredindo qualquer barreira geográfica. Na música, por exemplo, o saudoso Chico Science (1966 – 1997) criador do Movimento Manguebeat se

inspirou em Josué para escrever músicas que estão eternizadas em diversas mídias, uma delas: “Ô Josué nunca vi tamanha desgraça, quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça”⁴. Ainda que com muita dificuldade as instituições de ensino voltam a falar de Josué de Castro em diversos cursos, e revistas como a *Cronos* (UFRN) e a *Estudos Avançados* (USP) publicaram dossiê sobre esse importante médico, sociólogo, geógrafo e intelectual brasileiro.

Mesmo distante do Brasil, no exílio na França, a independência e ousadia de Josué de Castro incomodava o governo militar. Na França lecionou na Sorbonne e na Universidade de Paris. Nunca parou de procurar caminhos para acabar com a fome, denunciou o colonialismo econômico, o desrespeito pelo ser humano e ao meio ambiente. Propôs transformar a economia de guerra em economia de paz e utilizar a poupança do desarmamento parcial em desenvolvimento pacífico e igualitário.

Aqui no Brasil, sem a presença de Josué de Castro a ditadura ainda queria controlá-lo, retirando todos os seus livros das universidades e tendo seu nome censurado, e seu passaporte sempre negado para voltar ao Brasil. Aqui, mais um mecanismo de controlar a mobilidade física de Josué pelo território nacional.

Mesmo com toda a resistência moral e intelectual Josué de Castro não conseguiria passar ileso pelas atrocidades do regime militar, o primeiro problema patológico é a depressão que o ataca de maneira irreversível, como relata vários amigos em depoimentos para o documentário resenhado nesse texto. A depressão levaria a morte um dos maiores intelectuais do Brasil. Assim, covardemente o Brasil de 1964 tentava apagar a imagem, as ideias e os ideais de Josué de Castro.

Assim como Josué de Castro, outros intelectuais pensaram um Brasil e um mundo melhor como, por exemplo, Milton Santos, Celso Furtado, Darcy Ribeiro, e Florestan Fernandes; esses podem ser chamados de ideias, não entraram para a política com finalidades escusas, não traíram seus pensamentos, não desejou holofotes, não financiaram filmes ou documentários como forma de ganhar visibilidade, não impuseram a ditadura do pensamento unilateral, foram torturados e não desejaram ser heróis nacionais, morreram com as vidas financeiras modestas, vida de professores. Eram temidos pela força crítica das suas reflexões.

⁴ Frase contida na letra da música *Da lama ao caos* homônima do primeiro álbum da banda Chico Science e Nação Zumbi, lançado em 1994 pelo selo Chaos, da Sony Music.

O Governo Militar de 1964 é responsável não somente pela expulsão física dos “nossos cérebros”, mas, da mutilação intelectual que fez com que o Brasil se tornasse um país repugnante ao pensamento crítico, cercearam o direito da construção de uma intelectualidade brasileira; e isso é uma dívida humanitária que deveria ser paga, sobretudo, com maior destinação de verba para as pesquisas nas áreas de humanas, para que nossos humanistas tenham mobilidade física pelo território nacional e global.

7. REFERÊNCIAS

JOSUÉ DE CASTRO: cidadão do mundo. *Direção de Silvio Tendler. Produção de Adolfo Lachtermacher. Documentário*. Rio de Janeiro: UERJ VÍDEO, 1994. VHS (52 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fQrwW1sjHyI>. Acessado em 30 de outubro 2013.

Recebido em 06/10/2021.

Aceito em 08/12/2021.

Publicado em 15/12/2021.